

Formação do Psicanalista, Escola, Cartel. Mais, ainda.

Denise Pliskievski Bueno

O cartel é uma invenção de Lacan e se organiza em um pequeno grupo de pessoas por uma transferência de trabalho. Difere de um grupo de estudos porque não tem um coordenador, a palavra circula. É um trabalho de um com os outros, trabalho este que exige um “pôr de si” tanto durante o percurso do acontecimento do cartel quanto na sua dissolução onde cada um produz um trabalho singular e apresenta dentro da Escola Psicanalítica.

O que sobra de um cartel quando desanola é um resto, que vai se articular com outra coisa, e, assim, instiga o sujeito a querer saber mais, e com isso movimenta a formação de todos os integrantes que participam deste dispositivo.

Lacan, no seminário 11 disse:” Um resto é sempre no destino do humano, fecundo.” A etiologia da palavra fecundo deriva do latim”fecundus”, com o sentido de fértil, capaz de produzir e no sentido figurado quer dizer que produz em abundância, inventivo, criador, escritor fecundo, imaginação fecunda. Então este resto é que movimenta a posteriori, o saber mais. A análise proporciona isso.

De uma análise, o que sobra é um resto que dá a possibilidade do sujeito ir se fazendo no mundo, de um outro jeito, uma nova criação, numa outra posição.

No mesmo seminário 11, Lacan coloca que “no inconsciente há um saber que não é de modo algum a ser concebido como saber a ter acabamento, a se concluir.” O que resta de um trabalho de cartel na sua dissolução, é este saber sem acabamento, mas há um escrito, uma articulação, e a instituição de psicanálise garante uma nova possibilidade de fazer novo cartel, novo engate de trabalho. Cada pessoa de um cartel é um analisando a querer saber mais, a saber mais sobre o inconsciente. Inconsciente que na sua realização é sempre não todo e tende a uma verdade censurada. Aí está a dimensão ética da Psicanálise, e como diz Lacan no seminário a 20, “A análise veio nos anunciar que há um saber que não se sabe, um saber que se baseia no significante enquanto tal”. Mas um significante sozinho não diz nada.

Por isso precisamos uns dos outros para minimamente entrar neste jogo, e vale sempre lembrar que um cartel só se configura como tal dentro de uma escola de psicanálise, entre pares.

Pensemos sobre a Escola Psicanalítica “Mais, ainda”.

Alguns anos atrás, quando desanolei um cartel sobre formação do analista, terminei aquele meu escrito (resto) com uma citação de Dominique Fingerman que diz: " uma escola de Psicanálise não é nada mais nada menos, do que uma folha em branco na qual cada um que aí se inscreve tem a oportunidade de fazer ressoar a sua prova de passador da Psicanálise, contanto que esta prova possa ser lida por alguns outros – Garantia da psicanálise: a letra da psicanálise pode chegar ao seu destino".

Quando trabalhamos em cartel, quando apresentamos um trabalho de cartel, vamos criando a escola. É o dispositivo de estudo analítico mais

importante porque acrescenta a oportunidade de cada participante apresentar uma escrita desse fazer de um e de outros, do seu percurso, e da história da sua escola. Buscando em Freud, o valor de uma escola de psicanálise, encontramos, na história do movimento Psicanalítico, texto de 1914, onde ele diz: “Julguei necessário formar uma associação oficial porque temia os abusos a que a psicanálise estaria sujeita logo que se tornasse popular. Deveria haver uma sede, cuja função seria declarar: Todas essas tolices nada tem a ver com a análise: isto não é psicanálise. Nas sessões dos grupos locais (que reunidos constituíram a associação internacional), seria ensinada a prática da psicanálise e seriam preparados médicos, cujas atividades recebiam assim uma espécie de garantia” e ele continua: “...achei que seria conveniente aos partidários para uma troca amistosa e para apoio mútuo. Esses propósitos, são os únicos, que me guiaram na fundação da Associação Psicanalítica Internacional”.

Os objetivos para a criação deste lugar era de proteger o campo, o saber freudiano. Saber o que é a Psicanálise e o que não é Psicanálise.

Para chegar a este objetivo, além de imenso arcabouço teórico e das orientações técnicas, Freud propôs um tripé: a análise pessoal, a supervisão e o estudo. Esta proposta de Freud é para garantir a manutenção da psicanálise e a renovação de seus operadores de acordo com sua ética.

Acredito que a Escola Psicanalítica é o quarto pé para esta formação, ela enlaça, articula.

Em 1926 no texto “A questão da Análise Leiga”, Freud retoma toda a teoria da estrutura e construção do psiquismo e explica, pormenorizadamente, porque a necessidade do conhecimento teórico e técnico, atrelado a ele a

necessidade fundamental de experiência de análise pessoal, e, o valor da supervisão de casos para a quem quer se formar um psicanalista.

Trata da responsabilidade de cada um quando se envereda no seu desejo de analisar.

O analista inicia o trabalho a partir do seu desejo, e o conhecimento teórico faz parte deste processo, Mas, o saber cognitivo, a respeito dos processos psíquicos, não é o suficiente, e diz: “somente a teoria é um relato abreviado e ininteligível”.

Segue neste mesmo texto dizendo:

“É uma espécie de agudeza em ouvir o que está inconsciente e reprimido, que não está na posse igualmente de todos, tem seu papel a desempenhar. E aqui, antes de tudo, somos levados à obrigação do analista de tornar-se capaz, por uma profunda análise dele próprio, da recepção sem preconceitos do material analítico”.

A psicanálise é uma prática de experiência no divã, e isso quer dizer que é uma prática de escuta e leitura do inconsciente. É nas lacunas, na abertura e no fechamento do inconsciente que pode se escrever algo diferente e mudar a posição do vivente no mundo. Mas uma mudança de posição, algo novo, só é possível se houver perda, e desta perda advenha um trabalho de luto e da identificação do que restou deste luto. Um analista vai se forjando através de sua experiência, das suas perdas, e, com reconhecimento de sua falta.

Quando Freud escreve o texto de 1914, ele estava preocupado com o rumo que os próprios psicanalistas estavam dando a sua descoberta, e a sua

práxis. Ele era o descobridor da psicanálise, e alguns de seus mais próximos interlocutores e seguidores estavam deturpando sua teoria. Penso que faziam isto pela incompatibilidade teórica e para não bater de frente com a moral da sociedade da época, moral esta que os levava a achar um absurdo a sexualidade estar no centro dos sintomas neuróticos.

Lacan, na sua trajetória de retorno a Freud, em 1964 rompe com a IPA, escola de Freud, por entender que de novo estavam deturpando os conceitos Freudianos, ortopedizando-os em dispositivos extremamente burocráticos. Dizia que a escola não é um lugar do ato, mas um lugar que explora e acolhe os efeitos dele. Freud e Lacan se ocuparam em “esclarecer” a práxis psicanalítica a psicanalistas de suas épocas.

Para continuar com o legado de trabalho de Freud e Lacan, é preciso ter pessoas que se engatem a esta particularidade de trabalho. Atualmente para leigos, há uma enxurrada de informações e de barbariedades ditas em nome da psicanálise, parece um rastro de pólvora correndo nas redes sociais.

O que estamos fazendo com isso?

Sempre que possível, enquanto analistas e instituição, nos manifestamos diante de tamanhos disparates dizendo o que não é psicanálise. Mas é pouco, perto da infinidade e da rapidez das informações falsas que correm nas redes. Mesmo que as escolas psicanalíticas não tenham a mesma capacidade de expansão de seus conhecimentos, perto da imensidão do alcance das redes, é somente o trabalho nas Escolas Psicanalíticas que podem garantir a continuidade e o rigor da Psicanálise.

Na APC sempre discutimos o que podemos fazer frente a esta realidade tão deturpada. Isso é recorrente em nossos espaços de trabalho. Fazemos uma reunião mensal de acolhimento com as pessoas que chegam em nossa Escola de Psicanálise, escutamos e acolhemos suas perguntas e questões, explicamos sobre o que não é psicanálise e sobre como se dá a formação do analista.

Estes dia fiquei muito contente quando um colega, nos conta que defrontou e explicou à uma pessoa responsável pela direção de uma plataforma de divulgação de profissionais, posicionada em divulgar profissionais da área médica, mas que divulga também profissionais que se dizem psicanalistas, mas não o são, porque se intitulam psicanalistas, e ao mesmo tempo terapeutas alternativos, cognitivos, sistêmicos e muitas outras coisas junto. Sabemos que isso não se sustenta, mas penso que é muito importante atitudes como esta do meu colega.

Entendo que, o conceito do que é uma escola de psicanálise, é criado a partir do movimento de várias instituições de psicanálise em reconhecerem-se mutuamente. Este reconhecimento se dá pela prática de valores reconhecidos de uma instituição pela outra. Fazer Escola Psicanalítica é um movimento continuado, um movimento pulsional em torno do que é a psicanálise.

Na carta de princípios da APC, diz que uma escola Psicanalítica: “é um lugar para se associar e tornar possível o rigor necessário à formação analítica, para enfrentar melhor a solidão do ato analítico, e para dar conta da responsabilidade de sua prática”.

Escola Psicanalíticas, são lugares de encontro onde o sujeito ocupa um lugar para falar de seu percurso clínico e de suas articulações teóricas, se arrisca

neste desafio que é sua formação que será sempre permanente, e não está sozinho.

O lugar do psicanalista e da escola de psicanálise não são lugares confortáveis, que comportam todos os prazeres, são lugares de causa, de “objeto a”, que comportam acolhimento e convocam o trabalho. Por isso fazer parte de uma instituição de psicanálise dá um sossego desassossegado. Lacan disse que o analista se autoriza por si e por alguns outros, e, estes alguns outros além dos analisandos, são as pessoas que constituem uma escola de psicanálise.

Em algum momento Lacan fala de que uma Escola de Psicanálise se institui no seu funcionamento, ou seja, não está pronta. Isso me remete a um trecho do livro *Grandes Sertões Veredas* de Guimarães Rosa, onde ele diz:

“O senhor...Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.”

Psicanalistas e Escolas Psicanalíticas não estão prontas. Vão se fazendo. Estudar a psicanálise numa instituição é zelar pela própria formação continuada e também de alguns outros. Não estamos terminados. E Lacan nos diz na proposição de 9 de outubro de 1967, que garantia de uma Escola de Psicanálise na formação de um Psicanalista, só existe, “ quando o analista torna-se responsável pelo progresso da escola e tornar-se psicanalista da própria experiência”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freud, Sigmund.(1914) História do Movimento Psicanalítico.

FREUD, Sigmund.(1926) A Questão da Análise Leiga. Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, Jacques . (1956) Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista em 1956. (1957) A Psicanálise e seu Ensino. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro. Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. Variantes do tratamento-padrão. ESCRITOS . Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro.

LACAN, Jacques. OUTROS ESCRITOS. A Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. OUTROS ESCRITOS. Campo Freudiano no Brasil. Jorge Zahar Editor.Rio de Janeiro.

LACAN, Jacques. Seminário II Os quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise.Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

LACAN, Jacques. Seminário XX mais, ainda. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

FINGERMANN, Dominique. A prova de Psicanalista: A sua deformação. Revista 30, Associação Psicanalítica de Curitiba. Passes e Impasses na Formação Analítica. 2015.